

Resenha

INTERESPAÇO

Revista de Geografia e Interdisciplinaridade

RESENHA

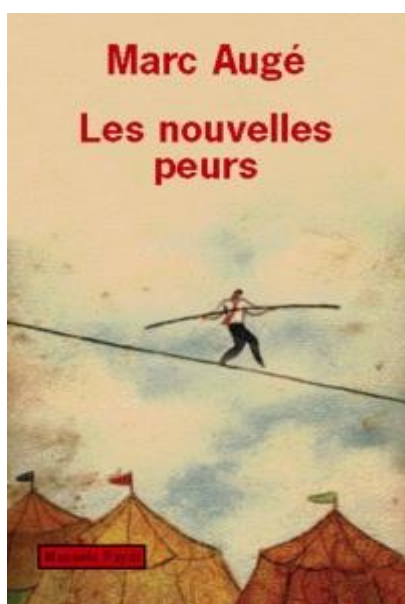
AUGÉ, Marc. **Les nouvelles peurs**. Paris: Manuels Payot, 2013. 98 p.

Livio Sergio Dias Claudino

Doutor em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Professor da Universidade Federal do Pará – UFPA/Campus Abaetetuba.

livio.claudino@gmail.com



A gravura na capa do livro, na edição Manuels Payot (2013), expressa bem a intenção do autor: um equilibrista, com ares de “trabalhador moderno”, vestindo roupa social e usando gravata, com uma vara na mão, atravessando uma corda bamba que está acima de algumas lonas armadas como as de um circo (Getty Images). Marc Augé (1935-...), antropólogo francês já bem conhecido no Brasil, famoso pelo conceito de “não-lugares” (*Les nouvelles peurs*), convida-nos a lançar um olhar antropológico sobre diversas formas de medo, relacionando geografia, história e antropologia contemporânea. Não que os medos de que trata sejam novos, mas algumas situações atuais permitem inovadoras formas de justaposição de diversos medos. Com um texto fluído e de fácil compreensão, o livro atinge também muitos leitores fora do meio acadêmico.

Dividido em 8 capítulos, sem títulos ou numeração, o livro apresenta em cada divisão um ou dois tipos de medos específicos, utilizando frequentemente notícias de jornal para introduzir as discussões, com uma intenção evidente: mostrar que para qualquer lado ou em qualquer meio de comunicação que se acesse, a qualquer momento, os acontecimentos tornam-se materiais para o medo, e mais, as próprias mídias conseguem entrelaçar acontecimentos sem conexão, como se fossem interligados, afetando nossas percepções sobre segurança e nossas perspectivas de futuro.

O livro começa com a frase: “Não tenham medo” (*N'ayez pas peur*), que foi proferida por Jean Paul II, em 1978, no momento de sua consagração. A partir dessa sentença, Augé tece suas considerações indicando que, mais do nunca, a humanidade vive com muito medo. O autor se movimenta ao longo de todo o texto por diferentes escalas e

acontecimentos, apresentando desde casos individuais até grandes grupos. Mesmo reconhecendo as situações diferentes com que determinados medos atinjam as pessoas, sejam devidos às dinâmicas geopolíticas, ao gênero ou à faixa etária, à condição socioeconômica, etc., o autor expressa constantemente a preocupação com os movimentos que os cientistas sociais (especialmente antropólogos, geógrafos e historiadores) contemporâneos devem fazer para compreender as questões que se colocam em função de vivermos no que ele assume como a globalização (expresso também em outros textos de Augé).

Ao associar os medos a formas específicas de violência (econômicas e sociais, violências políticas como o racismo e o terrorismo, violências tecnológicas e da natureza), o antropólogo faz uma clara aproximação entre o medo e a política, nas quais as violências se combinam coadunando com difusão acelerada de imagens e mensagens ao nível global, levando à produção de medos específicos que resultam:

La hantise de l'autre, toutes catégories d'alterité confondues, et par la crainte de l'avenir. Mais cette hantise et cette crainte ont des composantes multiples. C'est donc à un véritable écheveau de la peur que l'histoire du monde contemporain nous confronte, et c'est cet écheveau qu'il faudrait entreprendre de démêler pour tenter d'analyser les causes, les conséquences et les suites possibles du mal-être généralisé qui semble s'être emparé des sociétés humaines et menacer leur équilibre (AUGÉ, 2013, p. 13).

O primeiro medo específico tratado é relacionado ao mundo do trabalho, especialmente no contexto das grandes empresas. As grandes empresas, que outrora serviam como modelos de sucesso de gestão, levando muitos até mesmo a pensarem que os Estados poderiam ser geridos como empresas, vivenciam desordens e instabilidades evidenciando uma situação de crise, escancarando as enormes divergências de interesses entre os empregadores e empregados; as diferenças exorbitantes de salários e as ações predatórias dos proprietários acionistas, que se beneficiam dos próprios processos de crises e reestruturações. Do lado do trabalhador, o fechamento ou a reestruturação de cada um desses postos de trabalho geram inumeráveis dificuldades para a gestão da vida cotidiana, como o manejo das dívidas, da educação dos filhos, etc. O antropólogo argumenta que a situação é agravante para aqueles com mais de 50 anos de idade, devido a maior dificuldade de recolocação, pois são considerados como “quase inúteis” e mais custosos às empresas. Nesse ponto, o autor relaciona os suicídios entre funcionários de grandes empresas com a “gestão pelo stress” que impõe aos funcionários mudarem sempre de função, dificultando que os trabalhadores mais velhos acompanhem essas mudanças.

Nesse aspecto, o autor lança o olhar sobre a questão atual do suicídio entre

funcionários de grandes empresas e também de agricultores que, depois de idosos, ficam isolados. As exigências de produtividade, que faz com que as singularidades (da idade, da condição rural, etc.) possam ser vistas como estigmas; a vigilância constante; e o sentimento de solidão nos ambientes de trabalho das grandes empresas, são apontados por Augé como relacionados aos casos de suicídio dos funcionários na atualidade. Ao invés configurar possibilidades de socialização, o ambiente de trabalho pode representar a fragmentação similar aos efeitos do desemprego (p. 22).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, na terceira parte, Augé aborda o medo do declínio no poder de consumo. Argumentando que, cada vez mais, as forças dos sistemas econômicos tendem a propagar a ideia de que o consumo é o motor do mundo e a principal variável do crescimento, as populações, tanto dos países emergentes quanto dos considerados mais desenvolvidos, sofrem com o medo de perderem seus poderes enquanto consumidores. Ainda nessa mesma linha de reflexões, a quarta parte do livro é dedicada a discutir sobre os medos da velhice e das doenças epidêmicas, das contaminações ou datas de validade vencidas dos alimentos. No caso da velhice, há um temor por parte das pessoas de se tornarem socialmente “sem uso”, o que começa com as mudanças na aparência, diminuição das capacidades físicas e a percepção das mudanças no tratamento recebido no cotidiano.

A parte final do livro é dedicada a analisar mais detidamente sobre os medos das ameaças terroristas, das catástrofes naturais e dos avanços das tecnologias. A particularidade é que todas essas são ameaças que servem como possibilidades de justificar formas de controle, vigilância e coerção. Para Augé, a gestão do medo é uma importante ferramenta das engrenagens políticas de controle de populações. Apesar de não ser isso uma novidade, alguns elementos recentes, como a expansão dos meios de comunicação e a reorganização geopolítica, são responsáveis por inúmeras mudanças nas formas de uso dos medos como meios de gestão das populações. O livro, apesar de não aprofundar muito nas análises de cada um dos medos, restringindo-se a apenas alguns casos e algumas conclusões parciais, tem como legado chamar a atenção para os como as sociedades contemporâneas têm sido controladas por inúmeras formas de proliferação do medo, medo por si no presente e até mesmo pelas gerações vindouras.

A saída é a própria história, segundo Augé: “décidément, l’histoire n’est pas finie, et l’histoire a toujours été violente. (...) Les humains n’ont donc pas fini d’avoir peur, ni d’espérer. L’histoire est toujours au-delà des peurs et de l’espoir” (p. 94). O livro é um convite para conhecer outras obras do autor que tem se preocupado em mostrar os

fenômenos de desesperança, característicos da fase mais recente da modernidade, afetam as noções de passado, presente e futuro.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Les nouvelles peurs**. Paris: Manuels Payot, 2013. 98 p.

Recebido para avaliação em 09/05/2018
Aceito para publicação em 27/08/2018